

## RESENHAS

**GNILKA, Joachim, *Jesus de Nazaré: mensagem e história*, traduzido do alemão por Carlos Almeida Pereira, Petrópolis, Vozes, 2000, 312 pp.**

Lançado recentemente no Brasil o livro *Jesus de Nazaré: Mensagem e história* de autoria do professor Joachim Gnilka, muito conhecido por seus comentários exegéticos. Na presente obra o autor sai um pouco do âmbito de seus escritos habituais e lança-se na temática bastante vasta acerca de Jesus, amplamente abordada nas últimas décadas – o que nos mostra que o interesse pelo tema não diminuiu. Estas várias publicações reportam-se à problemática do Jesus histórico, porém, a forma de se pensar o assunto nos últimos anos mudou consideravelmente, se comparada ao início do século passado.

Já é consenso que não se pode escrever uma biografia de Jesus no sentido estrito do termo, mas também seria ingenuidade dizer que não temos nenhum dado confiável sobre a vida de Jesus.

Gnilka, de forma sistemática, objetiva e clara, faz-nos perceber que é possível mostrar a continuidade dentro da descontinuidade entre o Jesus histórico e o Jesus pregado pelos apóstolos.

A presente obra está dividida em doze capítulos. Num primeiro momento somos levados a seguir, sucintamente, os passos dados pela pesquisa sobre o assunto desde o século XVIII. Tudo começou com a pesquisa da vida de Jesus, pesquisa esta filha do Iluminismo. Separou-se Jesus dos evangelhos, contudo, não por um princípio científico-metodológico de que os evangelhos são escritos de fé e como tais precisam ser lidos, mas pelo simples fato de se desconfiar que o Jesus descrito nos evangelhos não é o mesmo que o Jesus histórico. Desta forma a pesquisa carrega consigo grandes traços subjetivos e até mesmo ideológicos.

Com H. S. Reimarus (+ 1768), inaugura-se a pesquisa biográfica de Jesus. Este indica-nos uma explicação racionalista das ocorrências milagrosas e sobrenaturais narradas nos evangelhos. Em última instância, os racionalistas dirigiam-se aos representantes de uma "religião da razão", cujos direitos pretendiam defender contra a fé cristã. K. A. Hase, racionalista, chega a adotar característica grotesca ao descrever a abertura do céu no batismo de Jesus como sendo o brilho casual de um meteoro...

Já D. F. Strauss (+ 1874) apresenta uma pesquisa com posicionamento fundamentalmente nova. O Jesus dos evangelhos seria mitológico. Com B. Bauer e A. Drews reforça-se a pesquisa iniciada por Strauss. K. H. Venturini e K. F. Bahrdt aproveitam-se das efervescentes pesquisas e, junto à fantasia, desenvolvem extensos romances sobre a vida de Jesus. O autor que conseguiu maior sucesso num romance sobre Jesus foi E. Renan, apesar de não ser considerado o mais inteligente. Seu mérito, talvez, tenha sido o de introduzir a questão do Reino como ruptura na ação de Jesus. Mérito especial deve-se, porém, a J. Weiss, que em seu livro *A pregação de Jesus sobre o Reino de Deus*, sensacionalmente leva-nos ao conhecimento do caráter escatológico do Reino de Deus. Com A. Schweitzer, temos a teoria da escatologia coerente. A escatologia é base do esboço biográfico da atuação de Jesus, e com a sua ajuda distinguem-se dois períodos. A ruptura é constituída pelo envio dos discípulos e, desta forma, surge o problema da protelação da parusia que teria sido responsável por tudo o quanto veio ocorrer em seguida. Depois de concluída, com Schweitzer, esta fase de pesquisas, pode-se chegar a um novo acesso a Jesus.

A nova fase de pesquisas recomeçará somente após a 2ª Grande Guerra. Via de regra se parte sempre da narrativa do evangelho de Marcos como moldura histórica. Tornam-se mais freqüentes as apresentações da atividade de Jesus nas quais o primeiro plano é ocupado por um Jesus judeu. Entre os novos livros sobre Jesus também não faltam as interpretações socialistas ou de crítica social.

Com isso, Joachim Gnilka tem por objetivo mostrar-nos que diante de diversas pesquisas ainda temos a necessidade de perguntarmo-nos pelo Jesus histórico. O objetivo do trabalho histórico

é interrogar-nos pela ligação entre Jesus e o testemunho de fé do Novo Testamento.

Para que isso ocorra de forma científico-metodológica, ele nos aponta a melhor forma de se pesquisar, elencando os principais aspectos metodológicos utilizados nos trabalhos que desejam nos introduzir nesta problemática de forma coerente e não reducionista, e muito menos subjetivista.

Num segundo momento, descreve-nos a situação política, religiosa e social de Israel na época de Jesus. Somos introduzidos na época dos imperadores romanos Augusto e Tibério, e de forma mais localizada, nos tempos e governos da família de Herodes, o Grande, e seus filhos. Estes marcam indubitavelmente todo o contexto da região onde Jesus irá desenvolver sua vida e mensagem. Também somos convidados a compreender o porquê da Judéia ser administrada diretamente por Roma após a desastrosa administração de Arquelau. Compreendemos, também, a figura do Sinédrio e dos sumos sacerdotes que gozam da proteção do Estado, sendo, inclusive, nomeados por este. O Templo de Jerusalém é legitimado pelo poder romano que vê nele a marca do controle da região. A supervisão do mesmo era feita pelo governador e duas vezes por dia um sacrifício deveria ser oferecido pelo Imperador e pelo povo romano.

No tempo de Jesus Israel havia perdido sua unidade política e o povo se encontrava religiosa e espiritualmente dividido. Os sustentáculos da nação eram: Jerusalém, a cidade santa, que já havia a muito tempo se tornado o centro espiritual e religioso do judaísmo mundial. Nela encontrava-se o Templo, único lugar do mundo onde eram oferecidos sacrifícios válidos a Javé, o Deus de Israel. Também o Sábado era um sinal da eleição de Israel, e, por isso, igualmente um sinal palpável de sua unidade. Porém, a interpretação da Lei era o problema religioso mais acaloradamente discutido, causando divisões no seio do povo. Desta forma surgiram os partidos que interpretavam a lei e reivindicavam para si a autoridade nacional: Essênios, Fariseus, Zelotas, Saduceus...

Ao reportarmo-nos à Palestina, faz-se mister distinguir a Galiléia (e Samaria) por um lado, e a Judéia e Jerusalém por outro. Na Galiléia predominava a agricultura, junto ao lago, associada à pesca,

enquanto que no sul e em Jerusalém eram as profissões manuais e o comércio que figuravam em primeiro plano. Na população, as camadas sociais apresentavam sérias diferenças. Bem no alto encontrava-se uma delgada faixa de latifundiários, que podia dar-se ao luxo de morar numa casa em Jerusalém. Embaixo ficava a massa dos pequenos agricultores e diaristas. Mas existia também uma camada social média. A ela pertenciam os artesãos, os pequenos comerciantes, mas também os sacerdotes (e levitas) comuns. Como em todo o mundo antigo, também em Israel havia escravos.

O contraste nas condições sociais era aguçado por uma distribuição extremamente desigual da terra, que, em sua maior parte, por concentração de posse, se encontrava nas mãos de poucos.

Outra dura realidade era o grande número de impostos. Os israelitas deveriam pagar impostos ao Templo, sobre mercadorias, pedágios... além do imposto regular cobrado pelos romanos, seja por propriedades, seja por cabeça.

A situação social ainda era refletida em outros aspectos da população, como a moradia, a educação, a profissão... sem falarmos da estrutura patriarcal excludente.

Num terceiro momento, Joachim Gnilka, ajuda-nos a percorrer o caminho feito pela exegese moderna, tendo como ponto de encontro a “ruptura” da mensagem jesuânica, ou seja, a pregação do Reino. Mas, para isso, mostra-nos anteriormente a sua relação com o Batista e, posteriormente, seu estilo de vida e o seguimento de seus discípulos, sua postura perante a lei e seus princípios éticos.

Jesus viveu em Nazaré grande parte de sua vida e sobre este período não conhecemos detalhe algum. Apenas sabemos que seu pai era carpinteiro e por isso deduz-se que Jesus aprendeu a profissão artesanal do pai. Surge uma questão: por que Jesus permaneceu tanto tempo em Nazaré? E o que o levou enfim a deixar sua pátria? Uma suposta motivação teria sido a notícia do grande pregador de penitência no Jordão meridional, João Batista.

João não pode ser enquadrado em nenhum dos partidos religiosos judaicos da época. Por vezes foi classificado como membro

da comunidade de Qumran. Mas ele distingue-se de Qumran sobretudo pelo fato de atuar em público, dirigindo-se a todos os israelitas.

São-nos difíceis de precisar terminologias empregadas no relacionamento Jesus-João. O precursor, a promessa do messias que batizaria com fogo e com espírito... sobretudo, é difícil decidirmo-nos entre Deus e o Filho do Homem. A favor do Filho do Homem está o fato da expectativa continuada na pregação de Jesus como elemento assumido por ele da pregação de João, embora não sem modificações. Alguns estudiosos mostram-nos que, talvez, Jesus tenha sido um discípulo de João, mas, no entanto, à luz da fé e da descrição dos evangelhos, foi preciso que João diminuísse para que Jesus iniciasse sua atividade pública.

O ponto central de toda pregação de Jesus é incontestavelmente a dominação de Deus, ou o Reino de Deus. É o ponto central em torno do qual tudo mais se organiza, não só em relação à sua mensagem como também em sua atividade. Isso é bastante evidente nos Evangelhos Sinóticos, Atos e na Literatura Paulina. As parábolas foram o meio que Jesus encontrou para explicar o assunto a todos e a todas. Descreve, pois, coisas que todos conheciam. As parábolas fazem desfilar diante de nossos olhos a vida das pessoas simples de seu tempo, mas também daqueles mais avantajados que gozavam de privilégios. Encontra-se, assim, o agir bastante eficaz da mensagem de Jesus, ou seja, a pregação mais as curas e milagres, sempre baseados num clamor libertador do povo eleito por Deus (toda humanidade).

No entanto, o anúncio de Jesus em torno do domínio de Deus (seu Reino) não se limita a um simples anúncio, mas deixa que ele envolva toda a sua atividade e que chegue mesmo a ultrapassá-la. O domínio de Deus tem a ver com o futuro, mas também com o presente. Essa dimensão escatológica está intimamente ligada com o evento pascal e de certa forma penetra na tradição de Jesus uma forte dose apocalíptica.

Também o anúncio do juízo está voltado para o domínio de Deus. O juízo ou salvação vem de Jesus. Isto somente é compreendido de forma eficaz quando da situação pós-pascal em que Jesus torna-se a testemunha qualificada. O que na pregação de Jesus ainda ficou em

suspensão transforma-se agora em certeza com base na experiência pascal.

Outro elemento importante é o fato de Jesus dirigir-se ao público, ao povo em geral. No entanto, ao caminhar lado a lado com pessoas que lhe eram mais próximas (seus companheiros) mostra que ele queria estar perto das pessoas, que não queria percorrer seu caminho como um grande solitário. Jesus vivia voltado para as pessoas, e, enquanto durou o tempo de sua atuação pública, ele viveu na comunidade dos que chamou para o seguir e que atenderam ao seu chamado. Viveu com seus discípulos, mas não foi levado a uma forma de vida comunitária contemplativa e silenciosa. Pelo contrário, esta pequena comunidade peregrinava com ele de um lugar para outro sem lugar fixo. Com certeza, pode-se afirmar que o centro da atuação de Jesus estava na Galiléia, na região próxima ao Lago de Genezaré e Cafarnaum. Mas ele e seus discípulos renunciaram a ter uma pátria fixa, ou deixaram-na para trás. Os discípulos, as discípulas, como grupo, envolvem o agir de Jesus e participam dele.

É ao povo de Israel que Jesus está ligado de maneira especial. A Igreja universal, Igreja das nações, é a Igreja pós-pascal. A relação de Jesus com Israel, o antigo povo de Deus, que chega ao fim com sua rejeição mas que permanece aberto para um reinício, prepara esta evolução.

Jesus vivo torna-se a Torá. Sua atuação torna-se a plena vivência e cumprimento da Lei. Sua prática é fundada na ética máxima do amor a Deus, e, portanto, ao próximo. Aos vários partidos religiosos existentes na época de Jesus, que protestavam para si a verdadeira vivência da Torá, Jesus mostra que os supostamente deslocados, excluídos, subversivos e recusados são o lugar histórico e palpável da plena realização da lei. Não é à toa que Paulo irá considerar o amor ao próximo como o resumo dos mandamentos (Rm 13,9).

Num quarto momento, o autor dedica especial atenção à autoridade da missão de Jesus e ao processo que o levou à morte.

O acesso à sua autoridade de enviado deve ser abordado sobretudo a partir do ponto crucial de sua atuação, ou seja, a "basílica" – o Reino. O domínio de Deus é o definitivo, o que permanece, a salvação definitiva que será realizada por Deus e que já começa a

atuar, a nova ordem válida que deve ser estabelecida e a que se opõe à lei do mundo.

Como nos é demonstrado pelo autor, o tema da autoridade da missão de Jesus trouxe e ainda traz dificuldades exegéticas. Provavelmente o predicado de Messias é o que mais se aproxima de sua exigência de enviado, se aí incluirmos duas modificações essenciais: primeiro, Jesus caminha para a cruz: ele não salva seu povo através de uma vitória sobre seus inimigos, mas paradoxalmente apresenta-se diante dele como aquele que foi morto. E, em segundo lugar, ele está unido a Deus, a quem chama de Pai, pelo laço de uma filiação única.

Num quinto momento, adentramo-nos na parte mais bem documentada de toda sua biografia, que é precisamente a vida de Jesus e seus conflitos durante as últimas semanas.

Desde o início da atuação de Jesus, segundo o que nos retrata os evangelhos, os conflitos são pontos determinantes. Jesus entra em conflito com diferentes grupos, por último com o poder romano, o que o leva à morte. O processo de Jesus é um tema especial.

Faz-se mister relembrarmos o envolvimento de Jesus com João Batista que foi eliminado por Herodes, que, de certa forma, como nos relata Josefo, poderia mobilizar as massas contra seu poderio. Jesus foi visto nas proximidades do Batista e recebe uma advertência. Possivelmente foram os fariseus que a fizeram pois suas relações com Jesus eram diversificadas e não tão hostis como nos relata o escrito pós-pascal.

Para formarmos um julgamento do conflito, é importante percebermos que na Galiléia os saduceus parecem não haver participado do mesmo. É só em Jerusalém que eles entram em cena. No relato da paixão, e, sobretudo, no relato do processo, são os sumo sacerdotes, os anciãos e os escribas que ocupam o primeiro plano. É fato conhecido que os sumo sacerdotes e os anciãos pertenciam ao partido dos saduceus, ou que eram seus aliados.

Jesus caminha para Jerusalém, segundo os sinóticos, mas estes nos introduzem num relato da comunidade pós-pascal e tinham por finalidade, como já ressaltado, serem lidos no âmbito da fé.

Provavelmente Jesus esteve em Jerusalém em outras ocasiões a ponto de ser conhecido, e o grupo que o acompanhava também trazia consigo as marcas dos conflitos anteriores que se desenvolveram na Galiléia. Talvez o incidente mais notável antes da festa da Páscoa foi o protesto no Templo e, sobretudo, as palavras proferidas por Jesus nesta ocasião sobre a destruição do Templo feito por mãos humanas e a reconstrução em três dias feita por mãos não humanas.

Jesus reúne-se com os discípulos e, possivelmente, discípulas, para a realização do que chamamos a ceia pascal. Não há consenso perante este evento. Interpretações atuais levam-nos a considerar a existência de dois calendários: o solar (fixo) e o lunar (variável). Este último era seguido pelos sumos sacerdotes e fariseus, enquanto que o primeiro era seguido por parcela da população e também pela comunidade de Qumran. No entanto, importa-nos perceber que nos evangelhos fica bastante claro que Jesus quis com esta refeição interpretar simbolicamente sua morte e manteve sua oferta de salvação a Israel. Ele deixa aos discípulos uma refeição onde os homens da aliança com Deus, que foi inaugurada graças à sua morte, podem candidatar-se a participar do reino definitivo de Deus, e na qual ele permanece entre eles sob o símbolo do pão. Com isso Jesus atribui à sua morte uma ação salvífica eficaz, mas que deve ser vista no seu estar voltado para o reino de Deus.

Naquela mesma noite Jesus foi preso. Nos sinóticos é nos apresentado o Sinédrio como aquele que detém a ordem de prisão, mas, segundo João, os romanos já fazem parte dos acontecimentos pois participam da prisão. Perante este fato podemos relacionar os saduceus com os interesses de Roma, já que parte destes constituem o Sinédrio.

Jesus é conduzido ao Grande Tribunal (Sinédrio) e ao Tribunal Romano, presente na pessoa do prefeito da Judéia, Pilatos. A participação de Herodes Antipas no processo é problemática, pois não é mais possível estabelecer coisa alguma historicamente confiável. Sabemos apenas que ele mandou executar João Batista, e podemos admitir que também observasse Jesus com ceticismo.

A "causa mortis" de Jesus, isto é, a acusação que lhe foi feita, deve partir do fato da crucificação. Na Palestina daquele tempo as

crucificações sempre tinham motivação política. A placa com a inscrição "O rei dos Judeus" transmite com credibilidade a causa de sua morte. Ele era acusado de haver pretendido a realeza. Foi preso e condenado como um subversor da ordem, e com pretensões de realizar a libertação de Israel.

Jesus é condenado e sofre a tortura da crucificação. O cadáver foi sepultado ainda na tarde do mesmo dia da execução por José de Arimatéia. Quanto a esta tradição, chamam-nos a atenção as limitadas possibilidades jurídicas desse fato. O direito romano não tinha por costume enterrar os cadáveres de crucificados, mas deixá-los se decomporem ou jogá-los num rio, por exemplo. Porém, na esfera judaica as condições eram diferentes. O sepultamento dos mortos sempre foi algo importante em todo o Israel e executados não constituíam exceção.

Na comunidade pós-pascal a crucificação e morte na cruz são com freqüência cada vez maior apresentadas como ocorrências cósmico-salvíficas. No relato evangélico é precisamente o centurião que comandava a execução, justamente ele, que vem a ser o primeiro confessor do crucificado, o primeiro a perceber no rebaixamento a dignidade do Filho de Deus (Mc 15,54).

Por fim, num sexto e último momento (no apêndice), o autor, toca, de passagem, no problema da ressurreição, porque só pretendia tratar da história e mensagem de Jesus.

A presente obra de Joachim Gnilka faz-nos compreender de forma bastante didática e eficaz, tudo quanto se tornou essencial ao se tratar da pesquisa sobre o fato do Jesus histórico.

Algo que nos chama a atenção em particular, é que o autor administra de forma tranqüila e estimulante o desenvolvimento da temática do domínio de Deus, ou seja, o Reino. Juntamente com a exegese, convida-nos a adentrar de maneira plena naquilo que se constitui como essencial ao se tratar da mensagem, do agir e, conseqüentemente, da história de Jesus.

A visão panorâmica, proposta no término de cada temática abordada, auxilia-nos a entender alguns pormenores da forma como a

comunidade pós-pascal compreendia e queria transmitir aos seguidores o fato Jesus de Nazaré.

Realmente, sua forma de tratar o estudo dos temas com sobriedade e objetividade, levando em consideração as pesquisas mais recentes, é a melhor recomendação desta obra, como já bem salientado por Dominiciano Fernandez in: *Ephemerides Mariologiae*, Madri (contra-capla).

*Rodrigo Catini Flaibam cursa o 4º ano de Teologia na FTGR da PUC-Campinas.*

*e-mail: rcflaibam@hotmail.com*